

Lema de diplomatas é de integração à cidade

FELIPE PATURY

A vida dos diplomatas estrangeiros residentes na cidade é bem mais simples do que se imagina, levando-se em consideração a aura de sofisticação que cerca a diplomacia. Apesar de terem transformado três clubes — Nações, Golfe e Academia de Tênis — em verdadeiras *torres de babel*, a maioria dos estrangeiros adotou hábitos locais. Por exemplo, só chamam a si próprios de gringos. Além disso, incorporaram aos seus programas de fins de semana pequenas viagens ao interior de Goiás e excursões a cachoeiras que circundam o Distrito Federal. A palavra de ordem dos estrangeiros é a integração. “O importante para o nosso trabalho é nos misturar com os brasileiros e conhecer o país”, resume o adido cultural do México, Atanasio Campos. Se a maior barreira para os residentes no país é a língua, para os americanos, franceses, canadenses, espanhóis, alemães e ingleses, por exemplo, é obrigatório o aprendizado do português.

Russos — O princípio de falar português vale até para os russos, que, com sotaque lusitano, permanecem a maior parte do tempo em sua própria embaixada, um verdadeiro clube. Para eles, a outra opção é uma chácara da embaixada nos arredores de Brasília. O embaixador do Canadá, Willian Clarke, considera sua vida em Brasília “tranquila e agradável”. Na mesma embaixada, há um outro fã da vida brasiliense. É o encarregado do setor de análise política, Alain Latulippe, há três anos no país. Para ele, “a cidade é ótima para quem tem família, pois a qualidade de

vida é uma das melhores entre as capitais do mundo”.

Festas — A prova, conta o analista, é que seus quatro filhos podem ter amigos na rua onde mora, no Lago Sul, andar de bicicleta e brincar, sem medo de violência, poluição, automóveis. Outra vantagem, apresenta o consultor, é o clima, que permite que Cloé, Maxime, Anaïs e Delfine vivam ao ar livre. O sol quase que permanente também favorece a prática de esportes. A responsável pelo consulado e pela área de direitos humanos da embaixada da Espanha, Cristina Fraile, aproveita o Lago Paranoá para praticar jet-ski e ainda faz ginástica, equitação, golfe e tênis.

Os diplomatas demonstram tanto interesse pela cidade que, até as festas de embaixadas, comemorações de dias nacionais, coquetéis e *happy hours* hoje são frequentadas mais por obrigação. “Festas de diplomatas para mim é trabalho. Eu gosto mesmo é de reuniões em casas de amigos brasileiros”, assegura a secretária Louise Clark, responsável pelos contatos com a imprensa na embaixada britânica.

Paixão — Depois de seus primeiros 60 dias na cidade, a inglesa de Dorchester adotou uma pura cadela vira-lata, Hazel, e se apaixonou pelo veterinário, Allan, com quem namora há quatro meses. “Brasília é ideal para mim, porque tem todas as facilidades de uma cidade grande, mas sem incômodos como a poluição”, diz no bom português que aprendeu num curso de imersão em Fortaleza.